

PSICOLOGIA E RELIGIÃO

SOB A LUZ DA PSICANÁLISE JUNGUIANA

Monografia apresentada á Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR, como parte das exigências do Programa de Psicologia, área de concentração: Ciências Humanas, para obtenção do título de Psicólogo

2006

Gláucia de Ávila Domingos

Esab – Escola Superior Aberta do Brasil

Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional

Orientação:

Prof. Ms Suzane Amadeu

Email:

gad071@hotmail.com

RESUMO

Esta monografia se baseia na obra Psicologia e Religião de C.G. Jung e confrontados com as perspectivas de outras ciências tais como: medicina, teologia, metafísica e a própria psicologia. O trabalho teve como objetivo, examinar tendências e até mesmo evidenciá-las à luz de uma abordagem psicanalítica no intuito de evitar-se o reconhecimento de um credo numa expressão que entendia ser projetiva da alma humana. Através de pesquisa de campo observou - se que na atualidade muitas pessoas na maioria jovens entre 14 a 30 anos, 40% responderam ao serem questionados sobre a existência de Deus que acreditam num Deus diferente daquele que seus pais lhes apresentaram enquanto ainda eram crianças. Para alguns dos entrevistados Deus não está no céu sentado no trono, com um cajado nas mãos pronto para castigar quem não fizer tudo certinho, para eles deus é representado como sendo uma força que rege o universo, as pessoas, a natureza, enfim ele se apresenta como sendo uma mola propulsora, sai então a figura paternal e entra a de um regente, pronto a fazer com que o mundo gire, uma visão organizacional poderíamos dizer assim. Dos entrevistados 30% acreditam na figura paternal, que dá recompensas aos que fazem o bem, que salva o perdido, que cura as enfermidades e que castiga aos maus; 22% oscilam em suas respostas entre acreditar em um deus paternal e como sendo também uma força regente; 8% responderam que não acreditam em deus de nenhuma forma e que todos os conceitos relacionados á Deus não passam

de estórias e imaginação que essas idéias não têm nenhuma fundamentação científica e que, portanto não merecem crédito. Através dos resultados obtidos, confirma-se a hipótese levantada de que na atualidade os indivíduos estão buscando várias formas de conhecer a Deus, se questionam sobre a existência de Deus e as várias formas de conhecer, entender, e de buscar a um ser supremo que pode receber vários nomes e várias formas.

Palavras-chave: Psicologia Analítica, Religião, Jung, Arquétipo

Dedico a Deus por ter me dado muita força durante essa longa caminhada... À mim pela força de vontade e superação, à todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que meu sonho se tornasse real...

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos aqueles que acreditaram em mim, em meu potencial, nas minhas idéias e que sofreram comigo as angústias próprias do meu momento, ao meu esposo, aos meus filhos pela minha ausência durante a construção de meus conhecimentos acadêmico.

Aos professores, mestres que tanto me ajudaram e não mediram esforços para me passarem seus conhecimentos.

1. INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos na história da humanidade, o homem busca explicações para os fenômenos naturais e espirituais que norteiam a sua vida como um todo.

Nessa monografia a relação da psicologia com a religião será abordada a partir da teoria de C.G. Jung, na visão psicanalítica. Carl Gustav Jung, filho de um pastor protestante se interessou pelas manifestações religiosas e simbólicas que o cercavam e sempre lhe chamaram a atenção. Foi através de uma observação cuidadosa e atenta da análise destas representações na mente humana que ele pôde reconhecer como conteúdos arquetípicos da alma, ou seja, as manifestações coletivas que embasam as mais diversas religiões. Para Jung, a religião é uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, ela é um fenômeno sociológico e histórico. Além disso, é um assunto importante para grande número de indivíduos. Ele não era um filósofo, mas se considerava um empírico e se mantinha fiel ao ponto de vista fenomenológico; apesar disso, ele achava que não infligia os princípios do empirismo científico se de vez enquanto fazia reflexões que ultrapassassem o simples acúmulo e classificação do material proporcionado pela experiência, por considerar que é a partir da experiência que existe a assimilação e compreensão; aborda então os fatos psicológicos do ponto de vista científico natural. Abordaremos neste trabalho como Jung trata o fenômeno religioso dentro de uma perspectiva empírica, observando esse fenômeno se abstendo de qualquer abordagem metafísica ou filosófica.

Para melhor análise do leitor, este trabalho está dividido em tópicos: Simbolismo, ritos religiosos e os sonhos, a fenomenologia dos sonhos, questões dogmáticas, os arquétipos, os símbolos naturais e os dogmas, os estudos dos mitos para compreender os arquétipos, arquétipo, sombra e self, o encontro de Paulo com o numinoso, o setting analítico e a religião, os fenômenos e símbolos religiosos, questões relevantes da temática da religião na psicologia analítica junguiana, temas estes que serão relevantes para uma melhor compreensão da importância da religião para o inconsciente tanto individual quanto coletivo.

2. ANÁLISE DA LITERATURA

2.1 Simbolismo

O simbolismo é expressivo; é um modo de dizer algo impossível de ser dito diretamente. Como o que é simbolizado é, geralmente, um objeto de valor, as atitudes das pessoas perante

seus símbolos raramente são neutras; são sempre carregadas afetivamente. Isso ocorre porque há uma tendência a se transferir o valor do que é simbolizado para o símbolo.

O termo símbolo pode ser usado para qualquer ato, objeto, acontecimento, relação ou qualidade que sirva de vínculo a uma concepção. Trazido pela imaginação, cada um é simbolizado e traduzido. Todos os símbolos são formulações passíveis de noções, de abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, em incorporações concretas de atitudes, crenças, julgamentos ou idéias.

Sob a forma abstrata, os símbolos são idéias religiosas; sob a forma de ação, são ritos ou cerimônias. São manifestações e expressões do excedente da libido. Constituem, ao mesmo tempo, degraus que levam a novas atividades que, especificamente, devemos chamar culturais, para distingui-las das funções instintivas que seguem seu curso regular, de acordo com as leis da natureza. (JUNG, 1997, p. 45-46).

Jung (1997) afirmava que um símbolo religioso pertence à linguagem das religiões. São símbolos envoltos em dogmas e rituais fortemente organizados. Designam conteúdos dogmáticos e fenômenos religiosos. As principais figuras simbólicas de uma religião constituem sempre a expressão da atitude moral e espiritual específica que lhe são inerentes. A percepção de uma figura religiosa pelos sentidos apóia a transferência da libido para o símbolo. No caso dos primitivos, a formação de uma religião ou a formação dos símbolos é de seu interesse e tão importante quanto a satisfação dos instintos. O caminho para um posterior desenvolvimento e fuga do estado de redução é a formação de uma religião de caráter individual. As idéias mais primitivas referentes a uma potência mágica que pode ser considerada ao mesmo tempo como força objetiva e estado subjetivo de intensidade demonstram como os inícios da formação dos símbolos se acham intimamente ligados ao conceito de energia. Antes de discorrer sobre a visão junguiana sobre a religião, devo esclarecer também um pouco da teoria do autor sobre a psique; sua estrutura e funcionamento. Assim, ficara de mais fácil compreensão ao leitor não especializado os termos e mecanismos aqui referidos. Para Jung, a psique seria formada por vários sistemas distintos, interatuantes, sendo os principais o Ego, o Self (ou Si-mesmo), o inconsciente pessoal e seus complexos, o inconsciente coletivo e seus arquétipos (entre outros a persona, a anima, o animus e a sombra). Além destes sistemas interdependentes, existiriam ainda as atitudes de introversão e extroversão e as funções de pensamento, sentimento, sensação e intuição. A psique seria um sistema de energias parcialmente fechado, onde a energia de fontes externas deveria ser acrescentada ao sistema. Os estímulos ambientais também produziriam mudanças na distribuição da energia interna do sistema. O fato da dinâmica da personalidade estar sujeita a influências e modificações de fontes externas significa que a personalidade não é capaz de atingir um perfeito estado de estabilização, o qual só seria possível se ela fosse um sistema completamente

fechado, sendo, portanto, um estado ideal. Jung acreditava que, quanto mais profundas fossem as camadas da psique, mais perderiam sua originalidade individual. "Quanto mais profundas, mais coletivas se tornam, e acabam por universalizar-se e extinguir-se na materialidade do corpo, isto é, nos corpos químicos. O carbono do corpo humano é simplesmente carbono; no mais profundo de si mesma, a psique é o universo." (Jung, 1975 - p.355).

Segundo Jung (1997), nossa consciência não se cria a si mesma, mas emana de profundezas desconhecidas. Na infância, desperta gradualmente e, ao longo da vida, desperta cada manhã, saindo das profundezas do sono, de um estado de inconsciência. É como uma criança nascendo diariamente do seio materno. As profundezas mencionadas por ele residiriam em cada ser e suas dimensões seriam incalculáveis: o inconsciente.

Logo, seriam dois os níveis de estruturas psíquicas que formam o psiquismo: o consciente e o inconsciente. Para Jung, a consciência seria um fenômeno intermitente, produto da percepção e orientação no mundo externo, surgindo quando se percebe que se "é". Ela cobriria o inconsciente e dele brotaria. Ele afirmava que, teoricamente, seria impossível fixar limites para a consciência, visto que ela poderia estender-se indefinidamente, mas, empiricamente, ela encontraria seus limites quando atinge o desconhecido.

Desconhecido este que se dividiria em dois grupos: os exteriores e os interiores, que seriam o objeto da experiência imediata. Aos últimos chamou inconsciente.

Jung foi o primeiro a estabelecer que consciente e inconsciente existiriam em um profundo estado de interdependência recíproca, sendo impossível o bem-estar de um sem o bem-estar do outro. Ao diminuir ou danificar a conexão entre esses dois estados, o homem adoeceria e sua vida ficaria despojada de significação. Se o fluxo entre um estado e outro for interrompido por muito tempo, o espírito e a vida humana na Terra serão remergulhados no caos e na velha noite. Assim, para ele, a consciência não seria simplesmente um estado de espírito intelectual e racional ou da mente, nem dependeria somente da capacidade do homem para a articulação. Ele concluiu que a consciência não seria apenas um processo racional e que o homem estaria errado ao acreditar que ela e os poderes da razão fossem a mesma coisa.

A consciência seria, então, o sonho permanente e mais profundo do inconsciente, que luta sempre por lograr uma consciência cada vez maior, chamada por Jung de "percepção". Essa "percepção" incluiria toda a sorte de formas não-rationais de conhecimento e percepção, bastante preciosas por serem as pontes no meio da inesgotável riqueza do significado ainda não compreendido do inconsciente coletivo, que estaria sempre disposto a expandir a consciência do homem para as necessidades que se apresentassem. Ou seja, a consciência se renovaria e ampliaria conforme a vida assim o exigisse, através de suas linhas (não-rationais) de comunicação com o inconsciente coletivo.

2.2 Ritos Religiosos e os Sonhos.

Os sonhos em Jung têm quatro causas:

1. Doenças físicas.
2. Afeto ou emoção violenta; produzidas pelo amor, pela esperança, pelo medo e pelo ódio.

Astúcia do demônio, isto é, de um deus pagão ou do diabo cristão. Com afeto, o diabo pode conhecer e comunicar aos homens, em sonhos, os efeitos naturais do passado e do futuro.

3. Jung se utilizava os sonhos para chegar aos conflitos pela experiência das associações, supondo que os sonhos podem esclarecer conteúdos da neurose, chegando assim as questões relacionadas aos sintomas. Ele publicou uma sessão de quarenta e sete destes sonhos oferecendo temas de interesse religioso; entre essa seleção existem dois com evidências religiosas. Na opinião de Jung os sonhos são uma fachada, e que tem algo escondido por detrás. Os neuróticos ocultam causas desagradáveis da mesma forma que as pessoas normais, mas é interessante tentar entender se isso se aplica aos sonhos. Há uma contradição nos sonhos: uma minoria protesta não prestando atenção aos acontecimentos posteriores.

2.2.1 A fenomenologia dos sonhos.

Jung (1997) apesar de admitir os arranjos de Freud para explicar os conteúdos oníricos ele não concordava com seus métodos e com suas conclusões. Para ele, os sonhos nada mais são do que uma fachada onde se esconde algo. O sonho é um fenômeno natural e não existe razão evidente para enganos; por isso ele crê que o sonho de que nos ocupamos trata de religião.

2.2.2 Questões dogmáticas.

Jung se perguntava se o que chamam de religião não seria um sucedâneo em auto grau denominado de confissão e que desempenha por assim dizer uma função importante na sociedade humana; com a finalidade de substituir a experiência imediata por um grupo de símbolos envoltos num dogma e num ritual fortemente organizado.

Quando Jung era indagado sobre a sua crença ele defendia suas convicções, que não iam além daquilo que considerava seu saber, dizia: "Estou convencido daquilo que sei, tudo o mais é hipótese" (Jung, 1961).

Muito mais do que teorias científicas, os dogmas constituem expressões da alma, pois a ciência é formulada pela consciência.

Atualmente o mundo é inundado por ondas de inquietação e medo porque o homem moderno, protestante ou católico perdeu a proteção dos muros da igreja erguidos por Roma. O protestantismo foi e continua a ser um risco e ao mesmo tempo uma grande possibilidade de escolha.

O dogma é sempre resultado e fruto do labor de muitos espíritos e de muitos séculos.

2.2.3 Os Arquétipos.

Arquétipos é uma qualidade ou condição estrutural própria da psique que de algum modo se acha ligada ao cérebro, ou seja, idéias, formas e imagens coletivas de origem inconsciente que estão no psiquismo humano e que foram herdadas pelos antepassados. Na mitologia e no folclore dos diversos povos, certos temas se repetem de forma quase idênticas, a esses fenômenos Jung denominou de arquétipos. Muitos dos conteúdos inconscientes são situações espirituais repetidas contidas no passado, observado no exemplo da quadratura do círculo, que era uma projeção psicológica muito antiga e inconsciente, porém naqueles dias o círculo significava a divindade: "Deus est figura intellectualis, cujus centrum est ubique, circumferentia vero nuscuam", o círculo considerado como a mais perfeita forma como a luz da criação inicial, o círculo ou a esfera continha o número quatro e significavam uma alegoria da divindade. A substância redonda era uma projeção de índole muito semelhante à do simbolismo dos nossos sonhos. Os conteúdos inconscientes eram projetados na matéria através dos sonhos desde a antiguidade.

Hoje como já conhecemos sobre a matéria essas projeções perderam sua força. O termo Arquétipo frequentemente é mal compreendido, julgando-se que expressa imagens ou motivos mitológicos definidos. Mas estas imagens ou motivos mitológicos são apenas representações conscientes do Arquétipo. O Arquétipo é uma tendência a formar tais representações que podem variar em detalhes, de povo a povo, de pessoa a pessoa, sem perder sua configuração original.

Uma extensa variedade de símbolos pode ser associada a um Arquétipo. Por exemplo, o Arquétipo materno compreende não somente a mãe real de cada indivíduo, mas também todas as figuras de mãe, figuras nutridoras. Isto inclui mulheres em geral, imagens míticas de mulheres (tais como Vênus, Virgem Maria, mãe Natureza) e símbolos de apoio e nutrição, tais como a Igreja e o Paraíso. O Arquétipo materno inclui aspectos positivos e negativos, como a mãe ameaçadora, dominadora ou sufocadora. Na Idade Média, por exemplo, este aspecto do Arquétipo estava cristalizado na imagem da velha bruxa.

Para a filosofia, Deus se revelava na criação desses quatro elementos, simbolizadas pelas quatro partes do círculo; o simbolismo produzido de maneira espontânea nos sonhos dos homens

modernos indicam algo em comum: o deus interior. Deus é um grande arquétipo e tem poderosa influência nos seres humanos. Em auto grau a qualidade do numinoso, cabendo assim a categoria de religiosidade no ser que o experimenta.

2.2.4 Os símbolos naturais e os dogmas

O homem dos nossos tempos se esqueceram das antigas verdades que falam da morte do velho adão. A criação de um novo homem ao renascimento espiritual e a outros absurdos místicos de uma mesma espécie.

A personalidade dos seres humanos se constituem em duas partes: a primeira é a consciência e tudo que ela abrange, a segunda é o enterro de amplidão indeterminada da psique que é o inconsciente. O lado inconsciente da psique são os fatos que desconhecemos. A religião é utilizada como sendo o "outro lado", representa a maioria feminina oculta no limiar da consciência ou em outras palavras é o inconsciente. A religião é uma fuga do inconsciente, utilizada como esconderijo de uma outra parte da vida de sua alma; ela é o fruto e o ponto culminante da vida e inclui os dois aspectos. Podemos dizer que a religião tem uma finalidade para a sociedade que Jung denomina de "confissão" de substituir a experiência imediata por símbolos envoltos num dogma e num ritual fortemente organizados. As figuras principais de uma religião representam a atitude moral e espiritual específica, exemplo: a cruz no cristianismo e a trindade. A religião tem uma relação com o supremo, seja ele positivo ou negativo, voluntário ou involuntário, o que significa que alguém pode estar possuído inconscientemente por um "valor" psíquico cheio de energia ou que pode adota - lo conscientemente.

2.3 O estudo dos mitos para compreender os arquétipos

Os arquétipos fazem parte de um universo pouco definível, mas imprescindível para a compreensão do indivíduo em seu todo. E, segundo o próprio Jung a significação etiológica do arquétipo fica menos fantástica quando consideramos a mitologia oculta no homem (Jung, 1936). Para os arquétipos, inexistem definições finais, existem apenas formas de tentar compreender o seu funcionamento no homem.

Da mesma maneira, não existe uma compreensão final dos mitos, mas sim versões e modos de entendimento deste universo fantástico e com temas definidos.

Os mitos fazem parte da humanidade e são representados através de manifestações arquetípicas do indivíduo. Jung conta em seu livro de memórias que desde 1909, sentiu necessidade do estudo da mitologia para compreender a simbologia de uma psicose latente.

Podemos verificar que em suas obras os personagens mitológicos são fontes de compreensão para o entendimento dos processos humanos, pois são manifestações dos arquétipos em si. Em 1950, no prefácio de sua 4ª edição dos símbolos de transformação, Jung deixa mais uma vez registrado a importância dos mitos para o estudo das manifestações arquetípicas (Jung,1995). Isto nos leva a uma conexão com a estrutura do indivíduo, o consideramos em sua própria história, pois traz consigo predisposições de ancestrais, de mitos, e repete a mesma simbologia de acordo com seu momento atual. Na psicologia analítica existem vínculos com os mitos para estudos dos arquétipos, tendo em vista que o inconsciente fala através da linguagem simbólica, a imagem arquetípica, podemos entendê-la a partir dos mitos.

2.3.1 Arquétipo, Sombra e Self.

Do arquétipo da sombra ao do self, Jung apresentou vários estudos, e podemos perceber que ao longo de suas obras, um mesmo personagem mitológico, apresenta no indivíduo diversas situações arquetípicas. Kore, personagem bastante analisada por Jung, nos mostra o arquétipo da ânima e do self. Podemos estudar o lado místico de Kore, a relação mãe e filha e o lado onde existe a divisão filha e mulher, vemos com isto, situações repetitivas em nosso dia a dia.

O arquétipo da grande mãe é bastante explorado, onde aparecem várias personagens mitológicas, inclusive através delas podemos ver os dois lados da grande mãe, e não somente o lado bom, temos entre elas Deméter e Gaia. Com o estudo de Hermes, Jung chegou a explicar alguns vínculos com os fenômenos paranormais, tendo como base ter sido Hermes o intérprete do oráculo, poderia considerar uma situação arquetípica com os videntes.

Psique e Eros que representam os arquétipos da ânima e animus (Von Franz, 1997), assim como os bandidos representam a sombra e Isis o arquétipo da ânima. E, assim cada personagem mitológico apresenta uma vinculação com as situações existentes.

Entretanto, mito considerado como favorecedor de modelos para conduta humana (Merca Eliade, 1998) e como situações que se repetem, nos levam a necessidade do estudo dos acontecimentos da humanidade comparando as situações. Da mitologia grega, da história do Oriente, da Bíblia, entre outros, verificamos que existe esta transmissão além do tempo e do espaço.

2.3.2 PAULO E CRISTO: O encontro do eu com a grande Personalidade.

A dimensão consciente da personalidade e o que há de mais profundo e essencial na psique é o Si-mesmo. Neste sentido, usamos o campo da experiência do Si-mesmo através da vivência

religiosa, já que a manifestação do Si-mesmo pode se dar por outras vias simbólicas, mesmo que todas numinosas toda a busca do ser, desde sua tomada de consciência, é a busca de si no encontro com Deus. Como na imagem simbólica do paraíso, deverá o homem voltar a Deus, conscientemente, através de suas conquistas. Alguns aspectos desse encontro, em especial as reações do ego e da sombra, na figura de Paulo de Tarso depois de seu encontro com Cristo, ilustra esse confronto e transformação, analisando alguns textos religiosos, lançando um olhar psicológico para compreender esse processo, onde o maravilhoso encontro com o divino também é o confronto com a nossa sombra.

Cada fase de nossas vidas reflete uma tentativa de se buscar e se relacionar com Deus. É o que chamamos eixo ego-Self. O ego seria a coisa pequena, o eu que cada um estabelece como imagem pessoal; o Self (Si-mesmo) é a imagem viva de Deus dentro de nós, o sentido orientador fundamental, fonte criadora e reguladora de nossa vida psíquica, centro ordenador e unificador da psique. Consideremos, então, a personalidade individual não apenas um produto da experiência pessoal, mas envolvendo uma dimensão transpessoal a se manifestar em padrões e orientação. Essa possibilidade se dá quando a coisa pequena encontra a Grande Personalidade, podendo servi-la. Jung é o psicólogo que nos apresenta essa relação quando nos relata essa trajetória como um longo processo de transformação interna e de renascimento a partir de um outro ser. Mais adiante ele refere:

Esse outro ser é a outra pessoa em nós mesmos, uma personalidade maior amadurecendo em nós, o amigo interno da alma. Por isso é que temos conforto quando encontramos o amigo e o companheiro detectado no ritual, tal como a amizade entre Mitra e o Deus Sol. Essa é a representação da amizade entre dois homens, que é sempre reflexão externa de um fato interno. Revela a amizade com aquele amigo interno da alma, revela aquilo que a natureza por si mesma gostaria de nos transformar, aquela outra pessoa que nós também somos e, mesmo assim, nunca conseguimos atingir. Nós somos aquele par de Dioscuros, um deles mortal e outro imortal, e estamos sempre juntos, sem jamais conseguir transformá-los em um só completamente. O processo de transformação luta para aproximá-los um do outro, mas a nossa consciência sabe e resiste, pois a outra pessoa parece estranha e misteriosa, e porque não podemos nos acostumar com a idéia de não sermos capazes de lidar com essa outra pessoa dentro de nossa própria casa. Nós deveríamos preferir ser "eu" e nada mais, mas nós somos confrontados com esse amigo interno ou esse sujo, e se ele é nosso amigo ou um sujo, depende só de nós. (Jung, 1971 p. 2) Percebemos que o autor refere-se a esse amigo como algo que pode ser sujo. Como podemos entender tal afirmação? Isto quer dizer que quanto mais nossa consciência egóica esconder de si a sua própria realidade, quanto mais nos enganarmos com uma falsa imagem de nós mesmos, mais essa realidade escondida cai no inconsciente, tornando-se primitiva, marginalizada e, conseqüentemente, mais perigosa.

Outra afirmação de Jung nos diz:

Quando o verão da vida é atingido, quando como nos diz Nietzsche, o um se torna dois e a figura maior que alguém sempre foi, aparece para a personalidade menor com a força de uma revelação. Ele (o ego), que é verdadeira e desesperançosamente pequeno, arrastará a revelação do maior (Si-mesmo) para a sua pequenez, e nunca entenderá que o dia do julgamento para a sua pequenez já alvoreceu. Mas o homem que é inesgotavelmente grande saberá que o sempre esperado amigo de sua alma, o imortal, chegou para tornar o perseguidor em cativo, ou seja: acabar com a contenção, por cuja imoralidade sempre esteve confinado na sua própria prisão, e para fazer sua vida fluir numa vida maior, num momento paralelo da maior fatalidade (Jung,1971).

Com a interpretação para o lado psicológico, surge uma grande mudança, pois a partir do autoconhecimento resultam certas conseqüências éticas, que não são apenas objeto do saber, mas também impelem para uma execução na prática. Sem dúvida, esta depende também da dotação moral de cada um, mas, como nos ensina a experiência, não convém fiar-se demasiadamente nela. Por via de regra tem ela, porém, da mesma forma limitações tão acanhadas como a inteligência. Depende-se tanto de uma como da outra. O Si-mesmo, que gostaria de realizar-se, estende-se para todos os lados, ultrapassando a personalidade do eu; de acordo com sua natureza abrangente, ele é ora mais claro ora mais escuro do que esta e assim coloca o eu a tal ponto de problemas, dos quais ele bem gostaria de esquivar-se. Fracassa ou a coragem moral ou a compreensão, ou as duas ao mesmo tempo, até que o destino finalmente acabe por decidir a sorte. Jamais faltam ao eu razões opostas, de natureza moral e racional, que nem se pode nem se deve pôr de lado enquanto elas ainda servem de apoio. Pois somente então alguém se sentirá em um caminho seguro quando a colisão de deveres se resolver como por si mesmo, e esse alguém se tiver tornado vítima de uma decisão, que foi tomada independente de nossa cabeça e de nosso coração. Nisso se manifesta à força numinosa do Si-mesmo, que dificilmente poderia ser experimentada de outra maneira. Por isso a vivência do Si-mesmo significa uma derrota do eu. (Jung, 1990). Esse encontro demonstra que mais cedo ou mais tarde temos que nos confrontar com a nossa natureza essencial e nos posicionarmos frente a ela. Geralmente, esse processo ocorre durante a segunda metade da vida, momento que tudo aquilo que está dentro de nós e que foi esquecido começa a fazer pressão para ser reconhecido. Este processo todo também é chamado de arquétipo de Jó. Arquétipo porque é um padrão universal e Jó por sua história na Bíblia ser um relato exemplar e simbólico desse encontro com o Si-mesmo. Podemos resumir os aspectos maiores desse encontro como:

- 1- Encontro eu/Si-mesmo, que se manifesta na imagem de Deus, Anjo, ou algum ser superior, seja personificado simbolicamente, seja por um acontecimento;
- 2- Ferida ou sofrimento do eu (ego) como resultado do encontro;
- 3- O ego persevera, suportando pacientemente a prova, para entender o significado do encontro;

- 4- A combinação da experiência como uma revelação divina, na qual o eu é recompensado através de um entendimento em nível de psique transpessoal. Neste momento, o eu reconhece a sua posição subordinada e está preparado para servir à totalidade e aos seus fins. Já se tornou um eu individuado.

Esse encontro no indivíduo é uma experiência única e mais profunda. E pode ocorrer de várias maneiras. Como já foi comentado, pois a imagem divina que temos internamente depende do nível de consciência e da evolução espiritual de cada um. Assim, não queremos dizer que existe um lado obscuro de Deus, mas uma sombra divina que existe na mentalidade psicológica de cada um. Por exemplo, quando somos duramente confrontados por uma realidade que nos parece difícil de ser superada, tendemos a dizer que é um castigo divino ou a manifestação da ira do Criador. A idéia que fazemos de Deus reflete a nossa concepção e estado emocional. Estamos então não nos referindo ao conceito de Deus, mas à experiência individual com a imagem psicológica que trazemos em nós de Deus. Por isso, esse encontro pode ser marcado por um profundo encantamento, como uma revelação que nos chega, como uma experiência de inteireza e completude, mas também pode ser marcado por um sentimento de derrota, como um vazio muito grande, uma depressão profunda e demorada ou um desastre aos projetos e ideais com que nós estávamos envolvidos. O encontro está-se a ver, existe diferentes sacrifícios e atitudes ao ego.

Temos vários exemplos simbólicos na cultura de como esse encontro pode ocorrer. Para citar alguns, temos 1) o encontro de Jacó e o Anjo de Iahweh, no Velho Testamento; 2) Arjuna e Krishna, encontrada na Escrita Sagrada dos Hindus; 3) Nietzsche e Zaratustra; 4) Paulo e Cristo, nos quais vamos nos deter mais. Paulo é como se passou se chamar Saulo depois de sua conversão ao Cristianismo e da sua transformação de perseguidor para propagador do cristianismo nascente. Psicologicamente, representa uma transformação radical, a ponto de uma nova identidade nascer do encontro com a Grande Personalidade: o ego mudou tão significativamente que não respondeu mais ao mesmo nome. Isto é o que aconteceu com Paulo depois com o encontro com Jesus. Vamos analisar algumas passagens que refletem todo esse processo. Um processo onde o temperamento autoritário e onipotente de Saulo transformou-se, em Paulo, em humilde serviço ao cristo; e a rigidez da Lei transformou-se em fé viva e firme na pregação do evangelho.

Vamos encontrar Saulo como um conhecido e renomado doutor da Lei, com sua atitude ríspida e intolerante perseguindo os cristãos. Pela psicografia de Chico Xavier, temos o relato de sua vida na obra "Paulo e Estevão", ditado pelo espírito Emmanuel, onde lemos:

Afinal, com a rigidez de suas paixões, aniquilara todas as possibilidades de ventura. Com o rigorismo da sua perseguição implacável, Estevão encontrara o suplício terrível; com o orgulho inflexível do coração, atirara com a noiva ao antro indefensável do túmulo. Entretanto, não podia esquecer que devia todas as coincidências penosas àquele Cristo crucificado, que não pudera compreender. Por que topava, em tudo traços do carpinteiro humilde de Nazaré, que seu espírito

voluntarioso detestava? (...) Por todo esse acervo de considerações que se lhe represavam na mente exausta, Saulo de tarso galvanizara o ódio pessoal ao Messias escarnecido. Agora que se encontrava só, inteiramente liberto de preocupações particulares, de natureza afetiva, buscaria concentrar esforços na punição e corretivo de quantos encontrasse transviados da Lei.

Vemos o quanto a pessoa de Saulo já estava sendo confrontado com a força superior do Si-mesmo através da imagem de Jesus. Podemos entender simbolicamente que aquilo que nos cabe desenvolver, sejam potenciais, tarefas ou mudanças internas e externas, está sempre se fazendo sentir e, mais cedo ou mais tarde, será confrontado se isso for de algum modo vital para o seu desenvolvimento. Existe uma direção ou objetivo inerente, dos quais o indivíduo não pode fugir sem ser lesado. Estamos falando que a realidade, através do encontro com o Si-mesmo, expressa a idéia que a vida tem um significado, uma finalidade maior do que podemos definir pela realidade material. Aquelas "coincidências penosas" já eram o confronto que o ego, por não ouvir, acabou transformando em infortúnio, o Grande Amigo se torna a imagem do inimigo. Vemos Saulo relutante e identificado com o complexo de poder do qual se justifica pela lei.

Quando decidiu seguir para Damasco em perseguição aos cristãos e, principalmente, a Ananias, deparamo-nos com Saulo em um intenso conflito íntimo: na véspera da chegada, quase a termo da viagem difícil e penosa, o moço tarsense sentia agravarem-se as recordações amargas que lhe assomavam constantes. Forças secretas impunham-lhe profundas interrogações. Passava em revista os primeiros sonhos da juventude. Sua alma desdobrava-se em perguntas atrozes. Desde a adolescência que encarecia a paz interior: tinha sede de estabilidade para realizar a sua carreira. Onde encontrara aquela serenidade, que, tão cedo, fora objeto de suas cogitações mais íntimas? Os mestres de Israel preconizavam, para isso, a observância integral da Lei. Mais que tudo, havia ele guardado os seus princípios. Desde os impulsos iniciais da juventude, abominava o pecado. Consagrara-se ao ideal de servir a Deus com todas as suas forças. Não hesitara na execução de tudo que considerava dever, ante as ações mais violentas e rudes. Se era incontestável que tinha inúmeros admiradores e amigos, tinha igualmente poderosos adversários, graças ao seu caráter no cumprimento das obrigações que considerava sagradas. Onde, então, a paz espiritual que tanto almejava nos esforços comuns? Por mais energias que despendesse, via-se como um laboratório de inquietações dolorosas e profundas. Sua vida assinalava-se por idéias poderosas, mas, no seu íntimo, lutava com antagonismos irreconciliáveis. As noções da Lei de Moisés pareciam não lhe bastar à sede devoradora. Os enigmas do destino empolgavam-lhe a mente. O mistério da dor e dos destinos diferenciais crivava-o de enigmas insolúveis e sombrias interrogações. Entretanto, aqueles adeptos do carpinteiro crucificado ostentavam uma serenidade desconhecida!

Notemos a divisão em que Paulo se encontra, quando a sua mente já está invadida por diversas emoções e dúvidas que se traduzem em angústia e depressão. Recordações, inquietações, vazio interior ou sintomas equivalentes podem revelar um momento onde as certezas de nosso pequeno eu estão entrando em colapso. Temos em Paulo uma pessoa idealista, mas perdida na

orientação e na forma de se posicionar frente a esses valores. Existe uma divisão entre sua mente poderosa e seu coração impiedoso. É um ser sem paz, isto demonstra a desarmonia do seu eu como seu Amigo Interior, o Si-mesmo.

Logo depois desse momento, após um breve descanso num oásis, dá-se o encontro de Paulo (Saulo) e o Cristo. Encontro este que significa o encontro do eu pequeno com a Grande Personalidade. O registro do encontro de Paulo e Cristo é encontrado nos Atos dos apóstolos e Cartas aos Gálatas. Em At, 9:1-9, encontramos: “Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote, e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens bem como as mulheres, os levasse presos para Jerusalém”.

Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem persegues: mas levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer.

Os seus companheiros de viagem, pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém.

Então, se levantou Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada podia ver. E guiando pela mão, levaram para Damasco. Esteve três dias sem ver, durante os quais nada comeu nem bebeu. (Novo Testamento, 1959: 152).

Emmanuel nos dá maiores detalhes quando da anunciação de Jesus:

- Eu sou Jesus!...

Então, viu-se o orgulhoso e inflexível doutor da Lei curvar-se para o solo, em pranto convulsivo. Dir-se-ia que o apaixonado rabino de Jerusalém fora ferido de morte, experimentando num momento a derrocada de todos os princípios que lhe conformaram o espírito e o nortearam, até então, na vida.

Fica evidente que Paulo foi completamente desestruturado e sacudido pelo encontro com a Grande Personalidade (Si-mesmo). É mesmo uma experiência de morte. Ficou cego por três dias e passou um período de três anos de recuperação num oásis na Arábia, onde fazia tendas. Muitos pacientes em análise ou mesmo pessoas sem esse trabalho de psicoterapia já tiveram essa sensação, de sentir uma espécie de morte que se manifesta de várias formas e têm que levar um bom tempo se recuperando.

A cegueira experimentada por Paulo, quando do encontro com Jesus, demonstra psicológica e simbolicamente sua cegueira espiritual, a inconsciência frente à realidade a que resistia. É o confronto com sua consciência cega e intolerante. Percebemos neste momento, de uma forma muito especial e intensa, que o encontro com o Si-mesmo é também o encontro com a nossa sombra. No caso de Paulo, sua orgulhosa cegueira. Paulo tentou escapar de seu destino

perseguindo àqueles que, ironicamente representavam seu destino. Toda vez que algo nos toca muito intensamente podemos saber que ali existe uma questão que nos diz respeito em particular. Podemos tentar fugir de nosso destino, mas a própria tentativa de fuga já demonstra que estamos de alguma forma ligados ao mesmo. Foi a própria intensidade de ataque contra os cristãos que traiu o seu envolvimento com a causa, o importante, pois "trata-se daquilo que se fala, não de sua aceitação ou negação". (Jung, 1986). Mas o mais importante é que o seu eu aceitou ser tocado pelo Si-mesmo.

Aquela alma resoluto, mesmo no transe de uma capitulação incondicional, humilhada e ferida em seus princípios mais estimáveis, dava mostras de sua nobreza e lealdade. Encontrando a revelação maior, em face do amor que Jesus lhe demonstrava solícito, Saulo de Tarso não escolhe tarefa para servi-lo, na renovação de seus esforços de homem.

Temos no encontro de Paulo com a Grande Personalidade, exemplo extraordinário pela força de tensão que este possa suscitar. De um lado, uma resistência violenta, através de sintoma que é o intenso ódio que sente pelo cristãos e, de outro lado, o seu desencadeamento que exige uma atitude intolerável para seu ego. Paulo foi obrigado a sacrificar totalmente a sua vida pessoal, transformando-se em "escravo" do Cristo. Paulo começa suas cartas aos Romanos e aos Filipenses dizendo-se "escravo" do Cristo. Na carta a Filemon, encontramos a expressão "prisioneiro" do Cristo, em outras versões "cativo" ou "pego" por Cristo. Encontramos em Gl, 2:19 o seguinte testemunho de Paulo: "porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com o Cristo". Esta mudança toda acontecida não quer dizer um processo de fácil aquisição, denota um trabalho árduo na derrota do ego em favor do Si-mesmo. Quando Paulo resolve ficar todo aquele tempo tecendo no deserto, encontramos um trabalho profundo de meditação e entrega humilde. O exílio foi uma forma de provar a humildade e a solidão de seu novo caminho, pois "as considerações convencionais poderiam perturbar-te, agora que necessitas exterminar o 'homem velho' a golpes de sacrifício e disciplina". (Emmanuel, 1989, p.242).

2.3.2 Passagens que demonstram essa dura conquista:

Os grandes sentimentos nunca povoam a alma de uma só vez, em sua beleza integral. A criatura envenenada no mal é qual recipiente de vinagre, que necessita ser esvaziado pouco a pouco. A visão de Jesus constituía um acontecimento vivo, imorredouro; mas, para que pudesse compreender toda a extensão de seus novos deveres, impunha-se-lhe o caminho estreito das provas ríspidas e amargas. Vira o Cristo; mas, para ir ter com ele, era indispensável voltar atrás e transpor abismos. As desilusões da Sinagoga de Damasco, o reconforto junto dos irmãos humildes sob a direção de Ananias, a falta de recursos financeiros, os conselhos austeros de Gamaliel, o anonimato, a solidão, o abandono dos entes mais caros, o tear pesado sob o sol

ardente, a penúria de todo e qualquer conforto material, a meditação diária nas ilusões da vida - tudo isso representara auxílio precioso para sua decisão vitoriosa.

O Evangelho funcionara como lâmpada na jornada difícil, para o descobrimento de si mesmo, a fim de ajuizar as necessidades mais prementes.

Percebemos que a razão de nossas vidas e o seu maior momento é o encontro do eu com a Grande Personalidade. Um encontro que determina a possibilidade de um novo amanhã. Só quem teve esse tipo de experiência sabe o que isso significa, é algo extremamente difícil de fazer entender. Mas isso não importa, pois, como diz Jung, se alguém se opor a essa experiência só podemos dizer "sinto muito, eu tive. Não obstante que o mundo pense a respeito, aquele que vivencia possui um grande tesouro, algo que se tornou para ele uma fonte de vida, significado e beleza, proporcionando ao mundo e à humanidade um novo esplendor. Ele possui pistis (confiança, fé) e paz" (Hoeller, 1990, p214). Como nos assevera Joanna de Ângelis, (1993, p 80), O psiquismo divino abre-me os penetrais do infinito e deslumbro-me. Saio da limitação, na qual me asfixio e estertoro, para a grandiosidade da vida, onde me expando. Mergulho no mundo interior e vejo, ouço, percebo a realidade sem barreiras, sem névoa, de onde procedo e para onde retornarei. Identifico-me com meu Pai, liberto-me". Encontramos nesta citação aquilo que nos move e nos marca como filhos de Deus: o Amor. Este é o grande eixo que abarca tanto a dimensão horizontal e vertical da vida. Assim, percebemos nos homens sem amor e consciência espiritual da comunicação com Deus, a realidade de uma vida que não encontrou ainda o seu mito do significado. Nas palavras de Kierkegaard:

Fala-se muito a respeito de vidas perdidas - mas só é perdida a vida do homem que viveu tão iludido pelos prazeres da vida, ou pela sua tristeza, que jamais se tornou eterna e decisivamente consciente de si mesmo como espírito... ou (o que é mesma coisa) que jamais se tornou consciente - e, no sentindo mais profundo, que jamais teve um vislumbre - do fato que existe um Deus, e de que ele, ele próprio existe diante de Deus... (Edinger, 1989, p. 79-80)

A importância de um projeto de consciência está no fato, de que, se a consciência cria o mundo, o ego, em seu esforço de auto-realização, está fazendo o trabalho criativo de Deus. Pires reforça essa idéia ao dizer: "como o átomo insignificante encerra em sua estrutura inframicroscópica um poder colossal, e mais ainda a partícula atômica de antimatéria, que encerra em sua finitude um poder praticamente infinito, assim o Ser humano, por suas potencialidades,

constitui-se num elo de transcendência que pesa de maneira incalculável na grandeza do Cosmos" (Pires, 1987, p. 37).

Assim, de ascensão em ascensão, de mundo em mundo a princípio, depois de sol em sol, no ciclo imenso de sua evolução, a alma vê aumentar seu poder de irradiação, sua

luminosidade. Pela elevação gradual de seus pensamentos e pela pureza de seus atos chega a pôr em harmonia suas próprias vibrações com as vibrações do pensamento divino e daí decorre uma fonte abundantíssima de sensações, de percepções, de gozo, que a palavra humana é impotente para descrever." (Denis, 1981, p. 84).

Desta maneira, todo e qualquer ato da vida tem que ser tomado de maneira consciente, sairmos de nossa dimensão egóica e vivenciar os níveis de diálogo que o Si-mesmo está estabelecendo conosco através da vida. Por exemplo, Jung refere que todo avanço psíquico do homem surge do sofrimento, mas o sofrimento em si mesmo não tem valor. Seu valor se constitui na medida que seja conscientemente aceito, "um sofrimento significativo que extrai o fluido redentor".

Jung, numa paráfrase da afirmação de Santo Inácio de Loyola, declara:

"A consciência do homem foi criada com a finalidade de reconhecer que sua existência provém de uma unidade superior, dedicar a esta fonte a devida e cuidadosa consideração; executar as ordens emanadas desta fonte, de forma inteligente e responsável, proporcionando deste modo um grau ótimo de vida e de possibilidade de desenvolvimento à psique em sua totalidade". (Jung, 1982, p. 156).

Isto equivale ao que Joanna de Ângelis refere sobre a religiosidade:

"Já não se torna, então, importante a religião, formal e circunspecta, fechada e sombria, mas religiosidade interior que aproxima o indivíduo de Deus em toda a Sua plenitude: no homem, no animal, no vegetal, em a natureza, nas formas viventes ou não, através de um inter-relacionamento integrador que o plenifica e o liberta da ansiedade, da solidão, do medo. As suas aspirações não se fazem atormentadoras; não mais surge a solidão como abandono e desamor, e dilui-se o medo ante uma religiosidade que impregna a vida com esperança, alegria e fé. O germe divino cresce no interior do homem e expande-se, permitindo que se compreenda o conceito paulino que, ele não mais vivia, 'mas o Cristo' nele vivia." (Ângelis, 1991, p.58)

2.3.3 O setting analítico e a religião.

As questões e conflitos entre psicologia e práticas místicas ou religiosas têm adquirido relevância em nosso meio, seja em função de posturas cristãs fundamentalistas ou esotéricas. Atendendo a esta demanda, os Conselhos buscam esclarecer e fundamentar a prática da psicologia nos parâmetros éticos e científicos da profissão. A chamada "onda mística" que assola o País já há alguns anos não é algo tão facilmente desconsiderado ou que devemos simplesmente pensar em resguardar a psicologia da "lama negra do ocultismo", como no início da psicanálise. Parece que a questão não é tão simples assim. Nossa cultura foi construída na tradição católica

popular portuguesa, amalgamada por práticas religiosas indígenas e africanas. Nossa religiosidade sempre incluiu aspectos místicos que foram se difundindo na cultura em geral. E que de outro modo poderia ser, uma vez que uma das expressões humanas é o comportamento religioso – devotado a um deus, aos espíritos, ao capital ou ao partido? O comportamento religioso e místico é observado em todas as culturas e épocas, mesmo quando a Razão foi elevada à condição de deusa durante o Iluminismo. Isto posto, não se entende a questão do misticismo esotérico como algo que bate às portas da psicologia há alguns anos. Se isto for verdadeiro, é o mesmo que admitir que a psicologia nunca quis olhar a dimensão mística e religiosa de nossa cultura. Quem poderá afirmar que o misticismo chegou no País depois da psicologia? É fato de que em muitas regiões do Brasil as pessoas confiam mais nas tradicionais benzedeadas do que nas práticas médicas convencionais. Certamente este dado evidencia uma sociedade organizada na desigualdade social, em que muitos nunca tiveram acesso a tratamentos médicos adequados e que o apoio místico das benzedeadas foi o único alento em meio ao sofrimento físico e emocional. Não quero dizer com isto que somente o tratamento médico resolveria todo o problema, pois se pode correr o risco de perder a alma sem as benzedeadas. Entende - se alma aqui como raiz, cultura e espírito de uma comunidade. Com o desenvolvimento das ciências biológicas, psicológicas e sociais, certamente os antigos xamãs, curandeiros, adivinhos e outros foram forçados a ceder lugar aos médicos, psicólogos e sociólogos. Os séculos XIX e XX demonstraram o triunfo da ciência e igualmente o da insanidade. Não estou me referindo ao doente mental, que foi institucionalizado na tentativa da sociedade exorcizar o seu próprio mal estar coletivo, personificado no indivíduo desidentificado. Refiro-me aos que se julgando portadores da racionalidade científica jogaram o mundo em duas grandes guerras, em holocaustos e guerras, para dizer o mínimo, insanas. Nunca houve tanta ciência no mundo, e este conhecimento jamais se comprovou comprometido exclusivamente com o bem estar e desenvolvimento humano. Não pretendo aqui negar o conhecimento científico e tão pouco sua importância no desenvolvimento humano, mas gostaria de afirmar minha posição de que a ciência não é a única verdade pela qual deva se pautar a vida humana e a sociedade.

O dinamismo humano inclui outras verdades que, embora não sejam científicas, compõe o substrato de nossa experiência. Refiro-me a um quatérnio de “campos de experiência”, em que cada qual possui suas verdades, e conjunto de saberes, ainda que por métodos diferentes. Como podemos afirmar que a metodologia científica é a única forma de se acessar um conhecimento? Cada um dos quatro campos tem sua metodologia própria, e estas metodologias podem criar pontes de diálogo através de uma abordagem sistêmica e holística. Estes campos são: As Ciências, As Artes, As Filosofias e As Religiões.

Quem atenta para o humano e para si mesmo, percebe a dinâmica destes saberes que coexistem na experiência humana, se entrelaçam, se constroem e reconstroem ao longo da vida e da história. Uma verdade científica é tão real quanto uma verdade artística, religiosa ou filosófica. Cada saber se constrói com base nas diversas experiências. Assim, os pressupostos da

física, da biologia ou da psicologia são tão válidos quanto o é a obra de J. S. Bach, a filosofia de Kant ou os milagres de Lourdes. Não se utiliza o mesmo método para cada um destes saberes, mas todos eles não exprimem verdadeiramente o fato da existência humana? Deixando estes saberes todos ao mesmo nível e importância para o desenvolvimento e compreensão humana, gostaria de propor um sistema de abordagem – a questão do olhar.

Entendo cada um de nós como um ser único, apesar de multifacetado. Prefiro me referir ao ser humano como um fenômeno humano que é manifesto em cada indivíduo e na sociedade (presente e histórica). Assim, posso abordar este fenômeno através de diversos olhares. Podemos compreender a experiência pelo olhar religioso ou pelo olhar científico. Se optar pelo olhar religioso, ainda preciso definir se avalio e compreendo a experiência do meu interlocutor sob o olhar da minha perspectiva religiosa ou da dele. (se pretendo convertê-lo ou afirmar sua crença). Se optar pelo olhar científico, mais especificamente o psicológico, preciso avaliar e compreender a experiência do meu cliente sob o enfoque da ciência psicológica. O que está em jogo não é o fenômeno em si, que pode abarcar muitas leituras; mas a questão está “nos olhos de quem vê”. Posso observar uma plantação de soja como um belo quadro, uma obra do Criador, um bom desempenho agrônomo, um processo biológico, um valor econômico, uma exploração de bóias-frias e muito mais. O fenômeno é o mesmo, o que muda é o olhar. E a possibilidade do diálogo entre os olhares diversos possibilita uma maior aproximação do fenômeno observado, com suas múltiplas implicações. Neste sentido, o psicólogo deve estar consciente do olhar profissional que é esperado dele. O psicoterapeuta não é, no exercício de sua profissão, um xamã – embora trabalhe com os mesmos conteúdos.

O que diferencia um do outro é o olhar, a maneira e os referenciais conceituais para interagir com o conteúdo exposto pelo cliente. O mundo dos espíritos e o inconsciente possuem fenomenologia semelhante. No entanto, o psicólogo o abordará do ponto de vista científico e o xamã do ponto de vista mágico e espiritual. Um não invalida o outro. Igualmente, quando o cliente traz conteúdos religiosos, a conduta mais apropriada ao psicólogo é compreendê-los sob os parâmetros da ciência psicológica e das crenças do cliente, sejam elas quais forem – sem julgamento ou preconceito. A dinâmica religiosa é do cliente e o terapeuta deve respeitar isto, sabendo que a ciência não invalida a religiosidade, mas que esta compõe o todo do seu cliente. Por outro lado, o psicoterapeuta deve atuar com o olhar científico, dialogando com as crenças e valores de seu cliente, bem como com a experiência religiosa deste, sob o ponto de vista dos conteúdos religiosos próprios do cliente e nos limites da prática psicológica cientificamente recomendada. Finalizando, acredito – e esta é uma expressão da minha crença religiosa na vida – que o fenômeno humano é vasto e não cabe somente nos parâmetros da ciência. – Alguém já imaginou um mundo repleto de seres racionais, deterministas e probabilísticos sem música? – No entanto, na prática profissional, há a necessidade de se diferenciar os saberes científicos dos olhares místicos ou religiosos.

Procurar compreender a pessoa como um ser plural e único e, humildemente, atuar dentro dos limites a que fomos treinados - o olhar psicológico - trará dignidade e profundidade ao nosso trabalho e, quem sabe, poderemos ficar um pouco mais próximos da sabedoria.

2.3.4 Os fenômenos e símbolos religiosos.

Para Jung, os fenômenos e símbolos religiosos ganham expressão também em mitos da antiguidade como nos cultos a Atena, Cibele e Mitra, pois os sonhos e experiências religiosas vivenciadas demonstram a “função religiosa da psique”. Aqueles símbolos representariam a expressão de algo desconhecido, seriam “transformadores de energia” do acontecimento psíquico e da experiência anímica do homem. Aliás, segundo esta perspectiva Jung desvincula e diferencia o conceito de símbolo do conceito de signo, pois este designaria “qualquer objeto, forma ou fenômeno que remete para algo diferente de si mesmo e que é usado no lugar deste numa série de situações”. Assim sendo, os signos diriam respeito ao elemento indicativo de fatos conhecidos ou cognoscíveis, os quais podem ser interpretados semioticamente através de imagens ao tratar com materiais inconscientes (sonhos e fantasias). Ele conclui ainda, em sua representação de símbolo que este possui uma natureza altamente complexa, tendo em vista que é composto a partir da aglutinação de múltiplas informações psíquicas. Por esta natureza e formação, o símbolo seria imbuído, por exemplo, tanto de aspectos que por um lado sedem a razão, quanto por outros elementos de natureza inacessível, visto não pertencerem à natureza do racional.

Estes aspectos inacessíveis diriam respeito a uma instância de pura percepção interior e exterior. Nas culturas tribais, por exemplo, o mito e a religião constituem uma unidade; por sua vez, o mito da personificação de Deus em Jesus é uma apreensão de um mito já existente. Jung ressalta sobre o mito:

“Todavia, o mito é constituído por símbolos que não foram inventados; eles simplesmente aconteceram. Não foi o ser humano chamado Jesus que criou o mito do deus personificado. Este já existia há séculos. Ao contrário, ele próprio foi apreendido por essa idéia simbólica, que, descreve Marcos, o tirou da oficina do carpinteiro e da limitação espiritual do seu meio. Os mitos remontam aos primitivos contadores de histórias e a seus sonhos, a pessoas que eram movidas pela emoção de suas fantasias, enfim, a pessoas que pouco se distinguiram do que se costumou chamar mais tarde de poetas e filósofos. Os contadores de histórias primitivos nunca se questionaram quanto à origem de suas fantasias. Apenas muito mais tarde começou-se a pensar a esse respeito. Já na Grécia antiga o espírito humano encontra-se suficientemente desenvolvido para supor que as histórias contadas a respeito dos deuses não eram nada mais que tradições antigas e exageradas sobre os reis do passado e seus feitos. Já naquela época eles supunham que o mito não deveria ser tomado ao pé da letra, devido aos claros disparates que continham. Por essa razão, tentaram reduzi-lo a uma fábula que fosse de compreensão geral. (Jung, 1971).

No entanto, críticos, mormente clérigos, questionam sobre o porquê Jung nunca revelou ou manifestou-se sobre a origem do “numinoso”. Para Jung, esta numinosidade encontrava expressão ou correspondência na “imagem de Deus” de indivíduos com propensão arquetípica de expressar tal conteúdo de forma reconhecível. Sendo assim, a função religiosa passava a estar intimamente ligada ao conceito de arquétipo, ou seja, aos elementos primordiais da psique humana que “se apresentam como idéias e imagens” (Jung, 1971). Jung destaca ainda que os arquétipos são, por definição fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em determinadas imagens, caracterizadas como arquetípicas, mas de tal modo que pode ser reconhecida somente pelos efeitos que produzem. Este conceito se entrelaçaria aos conceitos de Imagem Arquetípica (forma ou representação de um arquétipo na consciência). E também de Instinto de modo que seu significado envolve elementos primordiais e estruturais da psique, tornando-os “sistemas de prontidão para a ação e, ao mesmo tempo, imagens e emoções” (1971, p. 53). Contra aqueles críticos resistentes à sua perspectiva, Jung pondera no sentido de que:

“Deus é um mistério, e tudo que dizemos sobre esse mistério é dito e acreditado pelos seres humanos. Fazemos imagens e conceitos, porém quando falo de Deus sempre quero dizer á imagem que o homem fez dele. Mas ninguém sabe com o que se parece, pois quem o fizesse seria, ele próprio, um deus” (Jung, 1971).

Ao longo da obra *Psicologia e Religião*, Jung ressalta que a análise dos sonhos é uma porta para a compreensão do inconsciente, chegando a mencionar os sonhos de conteúdo mítico-religioso de um paciente cientista. Para Jung, a instância que abriga a imagem divina na psique humana é o self. Este seria um princípio ordenador da personalidade capaz de conter todas as possibilidades do “vir a ser” heraclítico; em outras palavras, dando significado ao símbolo. Esta abordagem, se tomada como sendo de natureza objetiva, possui elementos e experiências comuns como arquétipos e signos; e, por natureza subjetiva, elementos e experiências singulares que se fazem representar por meio das imagens arquetípicas e símbolos; o que possibilita aos elementos comuns (cênicos) se desdobrarem em elementos singulares (símbolos) tanto quanto a experiência sócio-cultural-existencial daquele que sonha permitir.

Assim sendo, pode-se inferir que tudo o que já foi manifesto nas escrituras bíblicas e nos dogmas cristãos possui correlato na função religiosa da psique, ou seja, são expressões do arquétipo religioso contido em cada pessoa. Aprofundando nesta linha de raciocínio, Jung menciona o fato de que questões religiosas, bem como das imagens divinas quando não compreendidas pela consciência, podem desencadear distúrbios psiconeuróticos. Jung valoriza tanto o papel da religiosidade que chega a propor que os sistemas religiosos deveriam se ocupar de questões da psique, sendo então “sistemas psicoterapêuticos”. No entanto, o que se torna evidente é que a religião atua contrariamente a este posicionamento, tendo em vista que sua direção se volta para o objetivo de “proteger” as pessoas das possíveis experiências religiosas

direta, pois sua abordagem se faz em nível de “confissão”. O que chamamos comumente e em termos genéricos de “religião” é de modo tão surpreendente um substituto, que me pergunto seriamente se essa espécie de religião, que preferiria chamar de confissão, não teria uma função importante na sociedade humana. Ela tem o objetivo óbvio de substituir a experiência direta por uma diversidade de símbolos adequados, sob a forma de um dogma ou de um ritual bem organizado. (...) Enquanto esses dois princípios [autoridade absoluta, no catolicismo; e, crença no evangelho, no protestantismo] mantiverem-se ativos, as pessoas estarão bem protegidas contra a experiência religiosa direta.” (Jung, 1971, pg. 75).

Jung salienta que o protestantismo tendo se despojado de muitos rituais preservados pelo catolicismo, deixou o indivíduo se confrontar com seus aspectos sombrios, o que em muito beneficiou as modernas sociedades, pois as tornou mais analíticas.

Quando acima foi mencionado o self como estrutura totalizadora deste processo, quis-se evidenciar que para tanto é necessário o engajamento do ego que irá responder às solicitações do processo de individuação, o qual Jung conceitua como sendo “o processo pelo qual os seres individuais se formam e se diferenciam; em particular, é o desenvolvimento de um indivíduo psicológico como um ser distinto da psicologia geral e coletiva”. (Jung, 1971: cap.6, pg. 825). Esta “individuação”, ou seja, este “ato auto-realizador” se torna um ato de significação religiosa, uma vez que confere significado ao esforço individual. De outro modo, poder-se-ia dizer que o “ato de viver” se dá por meio de uma dinâmica dialética onde conflitos e resoluções interagem constantemente dando significado a existência humana. No âmbito das interações entre indivíduo e psique coletiva, entende Jung que a existência de uma atitude religiosa viva e válida é o único meio capaz de promover esta conciliação.

Ainda sobre o conteúdo da obra *Psicologia e Religião*, é possível notar a preocupação de Jung com os sonhos, uma vez que procura abordar criteriosamente aspectos tais como material arquetípico, idéias primordiais, tendências do pensamento, discute a significação do número quatro tanto na história do mito quanto no pensamento religioso, passando ainda pela “revelação” alquímica. Também enfoca a representação de Deus e da Trindade de forma comparativa. Chegando a salientar a importância e a falta, na doutrina cristã, do quarto elemento. Isto revela a importância, a abrangência e o impacto psíquico que a religiosidade possui sobre a alma humana; demonstrando a premente necessidade de se dar continuidade as pesquisas nesta área do conhecimento, principalmente se esta for compreendida como um sistema capaz de conferir a psique o equilíbrio que esta tanto almeja.

Por fim, quando Jung emite sua opinião sobre a religiosidade, afirma:

“Não acredito, pois realmente sei de um poder de natureza muito pessoal e uma influência irresistível. Eu a chamo de "Deus". (Jung, 1971).

2.3.5 Questões relevantes quanto á temática da religião na psicologia analítica junguiana.

A religiosidade em Jung é complexa e propõe a investigação do fenómeno. Sendo assim existe a necessidade de atribuir alguns parâmetros á investigação no que se refere á religiosidade para que possamos designar condições básicas no que tange a esse assunto. A religião em Jung não adquire necessariamente o limite da confissão, mas amplia-se na complexidade da inconsciência coletiva e nos arquétipos individuais. É nos sonhos que a instrumentalização da “linguagem” do inconsciente que vem mostrar a necessidade de buscarmos sentidos e significado para o simbolismo, isso porque os nossos sentidos limitam as impressões sobre a existência na realidade objetiva, porém ao buscarmos o entendimento sobre a dimensão simbólica da consciência adquirimos conhecimentos necessários para transformar o próprio símbolo em conhecimento objetivo.

No livro “Presente e Futuro” publicado no ano de 1957, Jung analisa no item “A Religião como Contrapeso à Massificação”, a interação da religião e estado e seus efeitos na população. As religiões funcionam basicamente como um suporte para a avaliação sobre a existência objetiva, pois as suas fontes são a própria leitura do indivíduo a acerca das condições externas, e ainda uma reserva em relação às exigências que o dia-a-dia vem a nos impor, podemos citar como um desses fatores os efeitos da economia nas sociedades, onde se conota como uma das poucas realidades possíveis para agregar os valores necessários para o sua existência. O direcionamento e a proposta das religiões está na leitura do mundo, porém de forma a criar oposições claras entre o material e imaterial baseado num determinado sistema de sacralizações.

No texto, autor priorizava a aplicação da palavra “confissão” no lugar de “religião”, pois a segunda é ampla e transcende a condição institucional que os efeitos religiosos vem a apresentar no social, Visualizamos então a diferenciação temática na pesquisa sobre o tema, que contribui na distinção entre “a causa primeira” e as suas conseqüências, ou seja, o sincretismo popular. O fato de o indivíduo pertencer a uma confissão, não significa necessariamente a manifestação de sua religiosidade, isso porque, ele pode estar ligado mais pelo efeito social do que transcendente. Numa condição da relação da crença e a individualidade, tanto uma determinada confissão quanto o estado, podem contribuir para limitar a visão dos indivíduos com o objetivo de impor a dominação. Jung relata, por exemplo, o estado a serviço de uma estrutura ditatorial, onde suas forças além de suprimir a organização da sociedade civil, suprime também às forças religiosas da população, então, o aparelho do estado ocupa o lugar de Deus, ou ainda passa a ser a própria divindade. Ao levarmos em conta o período da publicação do texto em análise, o autor critica principalmente os diversos regimes socialistas no sistema geopolítico da luta entre as polaridades americanas e soviéticas. Quando a autoridade, do estado ou religiosa, determina de forma autoritária os destinos e a sacralidade individual, acaba por contribuir para o surgimento do

fanatismo, violentando toda e qualquer possibilidade de questionamento sobre os fatores decorrentes do processo. Outro alvo da crítica junguiana vai para os racionalistas excessivos, (e também a Freud, indiretamente), pois para os mesmos, os efeitos da religiosidade não passam de superstições e magia, entretanto, em nenhum momento, a magia deve ser subestimada ou reduzida a ilusões, pois os arquétipos e o processo da busca da divindade interna (ou do Self), articulam os efeitos da manifestação simbólica e mágica para a contemplação da experiência religiosa e íntima como um valor autêntico, ou ainda como função natural e latente. Na busca pelo Self a função da fé na experiência religiosa é apenas uma função secundária, pois o próprio Self é uma realidade interna naquele que o busca, embora, com os limites que a parte inconsciente do espaço psicológico, designa na compreensão existencial.

2.3.6 Principais diferenças entre Jung e Freud

Jung jamais conseguiu aceitar a insistência de Freud de que as causas dos conflitos psíquicos sempre envolveriam algum trauma de natureza sexual, e Freud não admitia o interesse de Jung pelos fenômenos espirituais como fontes válidas de estudo em si. O rompimento entre eles foi inevitável, ainda que Jung o tenha, de certa forma, precipitado. Ele iria acontecer mais cedo ou mais tarde. O rompimento foi doloroso para ambos. O rompimento turbulento do trabalho mútuo e da amizade acabou por abrir uma profunda mágoa mútua, nunca inteiramente assimilada pelos dois principais gênios da Psicologia do século XX e que ainda, infelizmente, divide partidários de ambos os teóricos. Anterior mesmo ao período em que estavam juntos, Jung começou a desenvolver uma sistema teórico que chamou, originalmente, de "Psicologia dos Complexos", mais tarde chamando-a de "Psicologia Analítica", como resultado direto de seu contato prático com seus pacientes. O conceito de inconsciente já está bem sedimentado na sólida base psiquiátrica de Jung antes de seu contato pessoal com Freud, mas foi com Freud, real formulador do conceito em termos clínicos, que Jung pôde se basear para aprofundar seus próprios estudos. O contato entre os dois homens foi extremamente rico para ambos, durante o período de parceria entre eles. Aliás, foi Jung quem cunhou o termo e a noção básica de "complexo", que foi adotado por Freud. Por complexo, Jung entendia os vários "grupos de conteúdos psíquicos que, desvinculando-se da consciência, passam para o inconsciente, onde continuam, numa existência relativamente autônoma, a influir sobre a conduta" (G. Zunini). E, embora possa ser freqüentemente negativa, essa influência também pode assumir características positivas, quando se torna o estímulo para novas possibilidades criativas. Jung já havia usado a noção de complexo desde 1904, na diagnose das associações de palavras. A variância no tempo de reação entre palavras demonstrou que as atitudes do sujeito diante de certas palavras-estímulo quer respondendo de forma hesitante, quer de forma apressada, era diferente do tempo de reação de outras palavras que pareciam ter estimulação neutra. As reações não convencionais poderiam

indicar (e indicavam de fato) a presença de complexos, dos quais o sujeito não tinha consciência. Utilizando-se desta técnica e do estudo dos sonhos e de desenhos, Jung passou a se dedicar profundamente aos meios pelos quais se expressa o inconsciente.

3. PROPOSIÇÃO

Acredita-se que o ser humano é uma junção de uma série de fatores psicológicos associados a fatores físicos bem como fatores espirituais.

Apesar das diferenças individuais, culturais e sociais todos os seres humanos refletem sobre a existência ou não de Deus; sobre o quanto ele influencia a nossa vida psíquica.

4. MATERIAL E MÉTODOS

- a) A monografia foi baseada em pesquisa bibliográfica e de campo (questionário).
- b) Após a realização de uma pesquisa bibliográfica, formulou-se um questionário contendo 3 perguntas, a fim de obter informações relacionadas à ideia de Deus bem como uma sondagem quanto a religiosidade.
- c) O questionário foi realizado a partir de comunidades de um site de relacionamentos na Internet. www.orkut.com, nas seguintes comunidades: Eu acredito e confio em Deus, Filosofia e Psicanálise, Estudantes e Eu tenho Jesus no meu coração. As questões foram inseridas nessas comunidades em forma de tópicos.

5. RESULTADOS

Os resultados obtidos mostraram que 30% acreditam na figura paternal, 40% acreditam em Deus, como sendo uma mola propulsora que rege o universo, 22% oscilam em suas respostas entre acreditar em um Deus paternal apresentado pelos catequistas e como sendo também uma força regente. 8% responderam que não acreditam em Deus de nenhuma forma.

6. DISCUSSÃO

De acordo com os dados obtidos a partir dos questionários bem como das respostas dos entrevistados sobre Deus pode-se deduzir que o conceito de religião vem se tornando cada vez mais extenso e reflexivo. Na atualidade, os indivíduos estão buscando várias formas de conhecer a

Deus, se questionam sobre a sua existência ou não buscando informações com bases científicas e/ou filosófica que possam lhes trazer respostas mais satisfatórias quanto aos seus questionamentos.

7. CONCLUSÃO

A partir dos estudos realizados nesta monografia, observou – se que a psicologia e a religião continuam sendo alvo de interesse tanto para acadêmicos quanto para leigos. O tema proposto nesta monografia sobre a religião e a psicologia foi realizado a partir da teoria analítica Junguiana, e através de uma pesquisa de campo para se fazer uma comparação entre a teoria Junguina e as respostas dos entrevistados. Pode-se deduzir que a teoria Junguiana comparada às respostas obtidas se confirma no tocante à importância deste tema para os seres humanos, e como este está arraigado no inconsciente, tanto no individual quanto no coletivo. O próprio Jung mencionou a importância da religiosidade para o ser humano, quando relatou que entre todos os seus doentes na segunda metade da vida, isto é, tendo mais de 35 anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse constituído pela questão de sua atitude religiosa e a idéia de Deus. Todos, em última instância, estavam doentes por ter perdido aquilo que uma religião viva sempre deu em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum se curou realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria.

É importante salientar que esse assunto é bastante polêmico, portanto não está fechado, o caminho é longo e aberto à novas descobertas!

"Quem ama a sua alma ama a Deus"

(Domingos,Gláucia)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- _____. **Tipos Psicológicos** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1971
- _____. **Interpretação psicológica do dogma da trindade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971
- _____. **A prática da psicoterapia** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- _____. **A natureza da psique** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1971
- _____. **A vida simbólica** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- _____. **Civilização em transição** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1971
- _____. Freud e a psicanálise. **Obras completas de C.G. Jung - vol.IV. ed. Vozes.Petropolis.1990.**
- _____. **Jung. Símbolos da transformação**. Vol.V edi. Vozes Petropolis.1995
- _____. **Misterium Coniunctionis - vol. II . Petrópolis: Vozes, 1990.**
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.
- _____. **Psicologia do inconsciente** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- _____. **Psicologia e alquimia . Petrópolis, RJ: Vozes, 1971**
- _____. **Psicologia e Religião** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- _____. **Símbolos da transformação** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- _____. **Símbolos da Transformação. Petrópolis: Vozes, 1986.**
- _____. **Tipos psicológicos. Vol. III ed. Vozes Petrópolis 1991.**
- _____. **Cartas** . Petrópolis, RJ: Vozes, Vol. 2, 2001
- _____. **O Homem Integral. Psicografia de Divaldo Pereira Franco. Salvador: Leal, 1991.**

ÂNGELIS, Joanna de. Momentos de Saúde. **Psicografia de Divaldo Pereira Franco.** Salvador: Leal, 1993.

Bíblia Sagrada - Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1959.

DENIS, Léon. O Além e a Sobrevivência do Ser. Rio de Janeiro: Feb, 1981.

EDINGER, Edward F. Ego e Arquétipo. São Paulo: Cultrix, 1989.

EMMANUEL. Paulo e Estevão. **Psicografia de Francisco C. Xavier.** Rio de Janeiro: Feb, 1989.

HAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia.** São Paulo: Hagnos, 2001.

HOELLER, Stephan. A Gnose de Jung. São Paulo: Cultrix, 1990.

JUNG, Carl G. Estudo Sobre o Simbolismo do Si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1982.

PIRES, Herculano. Pesquisa Sobre o Amor. São Paulo: Dicesp, 1987.

WHITMONT, Edward. A Busca do Símbolo. São Paulo: Cultrix, 1990.

ANEXO

**MODELO DO QUESTIONÁRIO
PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO.**

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE - UNINCOR

CURSO: PSICOLOGIA

ALUNA: GLÁUCIA DE ÁVILA DOMINGOS

1 – Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: _____ anos

2 – Quem é Deus pra você?

3 – Deus Existe?

Sim () Não () Não tem opinião formada ()

4 – Você acredita em Deus de alguma forma?

Sim () Não () Não tem opinião formada.